

Sobre Carlos Castañeda

Andrea Copeliovitch (Doutorando em Poética)

Resumo

Doutoranda em Poética no Departamento de Ciência da Literatura da UFRJ, orientanda do Prof. Dr. Manuel Antônio de Castro, atriz, pesquiso técnicas de ator baseadas no uso do corpo e na produção de energia, faço parte de uma corrente de pesquisa em teatro que se chama teatro antropológico. Vou falar sobre dois autores no meu texto: Carlos Castaneda, autor latino -- americano radicado nos EUA que escreve sobre sua relação com o feiticeiro Yaqui, Juan Mattus. Os Yaquis são índios do norte do México, possuem uma tradição xamânica. O segundo autor que eu vou citar é Antonin Artaud, ator, um dos principais e primeiros a pensar o teatro sob a perspectiva do ator. Eu vou utilizar dois pontos do pensamento de Artaud. Artaud propõe um ator que ele chama de ator alquímico, seria um ator capaz de realizar uma grande transformação em si e na platéia. Para realizar essa alquimia Artaud propõe que o ator seja um atleta afetivo, com total domínio sobre seu corpo e a forma como ele emite o que ele chama de raios de energia. Eu utilizo estes autores para falar de três conceitos: ação, guerreiro e ponto neutro

1) Ação

O teatro é a arte do tempo presente, a arte do efêmero e, paradoxalmente, é a arte da repetição. E todo fazedor desta arte efêmera é um pouco Sísifo, que quase atinge o topo do penhasco carregando a pedra pesada, mas jamais consegue chegar lá, o topo... imortalidade? Perfeição? Abismo? O ator vive este momento em que ele se acredita imortal em sua glória e ao mesmo tempo morre, desmancha-se e torna-se fluido, uno com sua arte, o momento onde essa arte acontece, onde se concretiza este movimento do fazer poético, o ocultamento e o desvelamento, neste movimento dá-se a obra do artista, ou melhor acontece a Obra em si, que é a obra teatral é a um tempo imortal e efêmera, cujo movimento é de criação e morte, como as mandalas de areia dos budistas tibetanos, que ao atingirem a perfeição são desmanchadas como um símbolo da impermanência das coisas do mundo.

Há uma passagem no Mahabharata¹ na qual o herói Arjuna lidera uma batalha contra seus primos - ao ver seus amigos e parentes do outro lado do campo de batalha, ele decide não mais lutar, pois não lhe interessa mais a vitória, e Krishna lhe ensina que a vitória realmente não é importante, mas sim a ação - a ação pura, desinteressada e desvinculada do passado, do futuro ou da moral.

É essa ação que buscamos em nossas batalhas individuais de atores.

Artaud fala sobre essa ação desinteressada:

“Quando tudo nos leva a dormir, olhando com olhos atentos e conscientes, é duro acordar e olhar as coisas como num sonho, com olhos que não sabem mais para que servem e cujo olhar está voltado para dentro.

É assim que aparece a idéia estranha de uma ação desinteressada, mas é a ação de todo modo mais violenta por ladear a tentação do repouso.” Artaud²

Artaud compara a ação desinteressada às ações realizadas no sonho, onde tudo o que nos rodeia é mutável, e por isso ameaçador, mas nem por isso deixamos de agir, na verdade, agimos

¹Carrière, Jean-Claude, O Mahabharata, 1991

²Artaud, O Teatro e seu Duplo, 1987: 20

sem ponderar, sem passado e sem expectativas, apenas a ação, que desencadeia outra ação e assim por diante.

2) Guerreiro

Este artista do efêmero é um herói que acredita receber medalhas que sobrevivem apenas até o fim dos aplausos, e depois somem nas sombras do esquecimento, para tornarem a brilhar no próximo momento de aplauso.

O ator é quixotesco em sua luta pela glória, pela arte, pelo momento, ainda mais nos dias de hoje em que as artes cênicas competem com os recursos de mídia do cinema e da televisão. E é nisso que reside sua poesia e sua capacidade de sobrevivência.

Um guerreiro é um ser com consciência do presente e da iminência da morte, como o ator que nasce e morre com seu personagem a cada apresentação.

O guerreiro não está interessado no resultado desta ação, apenas na essência do seu agir.

Castaneda fala do Guerreiro como sendo parte do percurso para chegar a ser um homem de conhecimento. O guerreiro é aquele que é impecável em seu agir, é responsável por todas as suas ações, não se permitindo auto-indulgência nem auto-piedade. O guerreiro busca nada menos do que a perfeição. O Guerreiro vive no limite de morte, portanto, vive no momento presente, mas sua ação é planejada, embora ele esteja sempre pronto para o imprevisto no caos. O guerreiro luta contra inimigos praticamente imbatíveis: o medo, uma vez tendo derrotado o medo, ele adquire clareza de espírito, que se torna então seu segundo inimigo, pois a clareza de espírito vai lhe dar a falsa sensação de saber tudo e de possuir poder, se ele consegue derrotar o segundo inimigo, ele adquire o verdadeiro poder, que se torna o terceiro inimigo – no budismo dividem-se os seres em 12 categorias, entre elas os deuses, que possuem poder ilimitado, mas que pecam pela sua vaidade, talvez essa vaidade esteja associada ao terceiro inimigo, ou simplesmente o fato de achar que a busca termina no poder, quando a busca do homem de conhecimento é o conhecimento, a sabedoria. Se o guerreiro derrota o terceiro inimigo, ele se torna o homem de conhecimento, tendo agora o implacável quarto inimigo pela frente, a velhice e a morte...

No entanto, na obra de Castaneda, D. Juan, o mestre consegue derrotar o quarto inimigo fazendo a passagem para um outro lado, que seria a morte, mas o seu corpo atravessa a “cortina de

[3] GARRAFA. vol. 2, n. 02, janeiro-abril 2004.1. p. 139-144. ISSN 18092586.

fumaça” e o que resta dele deste lado são só unhas e cabelos. E assim é que os grandes brujos fazem sua passagem; ou seja, derrotam o quarto inimigo. Existe nessa passagem, um fator inusitado, que talvez seja incoerente com a impecabilidade do guerreiro: a fé. A crença de que pode derrotar o inderrotável... A mesma fé que move D. Quixote contra os moinhos de vento. A mesma fé que permite que se continue vivo dentro desta loucura que é a vida no emaranhado das relações humanas.

Essa guerra cotidiana, essa guerra que se dá quando entramos no metrô pela manhã, na fila do supermercado, no banheiro entre marido e mulher, pela última fatia de pão entre irmãos, entre a polícia e os bandidos no morro, entre dois estudantes por uma bolsa de estudos, entre Estados Unidos e Iraque, etc, esta guerra não é uma guerra de guerreiros, esta guerra é a guerra de autômatos, é o que nos mantém na roda do carma, que o budismo chama de Samsara. E da qual somos prisioneiros.

D.Juan fala que ao nosso redor a energia dispõe-se em forma de ovo, formado pelas linhas luminosas que emanam de nosso corpo. Nesse ovo, existe um ponto, localizado mais ou menos entre as omoplatas, mas nesta periferia energética do corpo, que se chama “ponto de aglutinação”, é este ponto, localizado no mesmo local em todos os corpos luminosos que faz com que vejamos o mundo da forma tal como é, ou tal como o vemos, o brujo é capaz de mover o ponto de aglutinação, fazendo com que o mundo conhecido deixe de existir tal como é para nós e passamos a atuar em esferas do caos, onde toda a segurança obtida do conhecimento das coisas tal como são se perde em meio ao perigo do inusitado.

Ainda os guerreiros Yaqui dividem-se em dois tipos dreamers e stalkers (espreitadores), cada um desenvolve um tipo de técnica. Os dreamers agem no mundo dos sonhos, conscientemente, com a consciência cotidiana, mas neste mundo onde tudo está em evidente estado de mutação. Os stalkers agem como atores no mundo “da realidade estável” ou da realidade tal como a concebemos quotidianamente, o stalker se disfarça, cria situações inusitadas para si e para seu interlocutor, deixa-o confuso sobre o que está acontecendo, transforma a realidade estável em situação de perigo.

Aqui cabe falar da Sagrada Família, de Gaudi. Uma catedral, construída para ser um templo católico, no entanto é uma catedral que se derrete, é feita de concreto, mas está se desfazendo em sua aparência, dá a impressão de ser um elemento de sonho e no entanto está ali, em meio aos

edifícios, em meio àquilo que consideramos real, e a Sagrada Família não se parece com o senso comum de real, no entanto, é concreta. Você pode tocar, chutar, lambear, todos os sentidos do corpo respondem à sua realidade. A Sagrada Família me fez pensar no ponto de aglutinação e no artista, Gaudi move nossos pontos de aglutinação, mostrando uma realidade que se derrete, mostrando a insegurança do caos em oposição à sensação de estabilidade do concreto.

Quando Artaud fala em um ator alquímico, um ator capaz de mover as sombras, capaz de transformar o espectador, creio que seria um ator capaz de construir a Sagrada Família. Que é um trabalho meticuloso, disciplinado, um mergulho calculado no caos.

E quais seriam as armas deste guerreiro/ ator, como ele sai de seu estado utópico?

3) Ponto neutro

Existem inúmeras propostas, técnicas de atuação, envolvem domínio do corpo como um instrumento, compreensão da ação, domínio do espaço, da energia...

Buscamos em nossas batalhas individuais de atores compreender em nosso corpo e experienciar esta ação desinteressada, para que a ação seja desinteressada, ela precisa partir, não de um objetivo racional, mas de um estado neutro da mente. De um momento de inércia, que é o princípio de toda a ação. Parece óbvio, mas não é. Vivemos nesta necessidade de segurança, de planejar o futuro, estamos executando a ação no presente, mas a mente está no futuro, ou no passado, como quando caminhamos na rua, pensando no lixo que ficou do lado de fora, ou na palestra que vamos dar, sem que este caminhar seja real. Se o caminhar é presente, ele passa de um pé para o outro, de um estado de equilíbrio (dois pés no chão) para um estado de desequilíbrio (passada). Este estado de equilíbrio é o princípio de toda a ação, o ponto zero ou estado neutro, e corresponde também a um estado de silêncio. A ação começa e termina neste estado de silêncio.

Este estar presente, partindo de um ponto zero e retornando a ele responde à necessidade do ator estar inteiramente no palco..

Mas tudo isso é capaz de transformar nosso ator em um excelente construtor de catedrais, o que seria necessário para que ele construísse a Sagrada Família?

Essa pergunta está aí não para ser respondida, a arte jamais responderá a uma fórmula matemática. As técnicas servem apenas para manipular o cimento. O resto é alquimia, é mistério, são sombras. Mas ainda assim nosso ator quixotesco se coloca esta pergunta, não como pergunta, mas como pesquisa, como caminho em direção à sua obra, sua alquimia.

É uma utopia, a alquimia no teatro? Quem jamais encontrou a pedra filosofal? Será que em nosso ser fragmentado é possível saber se de fato alguém realizou a grande transmutação? Nossas narinas e olhos estão sobrecarregados pelas emanções do enxofre, e no entanto ele não catalisa nenhuma transformação... As musas presas neste inferno³, pois essa é a impressão dada aos sentidos pela substância, gritam, mas não conseguimos escutá-las. Um ou outro presente esse grito desesperado e propõe-se à escuta, mas a partir daí só lhe o possível falar a linguagem das musas, pois é lá que seu ser agora habita. E também suas palavras então perdem-se no burburinho infernal...

Porque as palavras que se escutam não têm correspondente na explicação (representação), então não se pode explicar, e o que não se explica, para aqueles que querem apenas segurança das linhas retas no concreto (muitos), nada é.

³ Utilizando uma imagem que o prof. Manuel A. de Castro usou em sala de aula.